

Apresentação

A *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, abre seu volume 3, número 2 (julho a dezembro de 2013) com o dossiê “Fronteiras urbanas”, organizado por nosso colega Gabriel de Santis Feltran e por Neiva Vieira da Cunha. Em cinco densos artigos somos inseridos em reflexões atuais sobre as pesquisas que lidam com cidades a partir daqueles/as que habitam suas margens. O dossiê se inicia com a reflexão de Daniel Cefai, diretor da Haute École en Sciences Sociales, sobre a população de rua de Paris, passando pela análise de Taniele Rui sobre a Cracolândia, pelo estudo de Paulo Malvasi sobre os jovens inseridos na Fundação Casa, pela análise de Ana Paula Galdeano sobre os Conselhos de Segurança até concluir com a reflexão sensível de Vera Telles sobre sua experiência como parte de uma rede de pesquisas etnográficas urbanas.

Adriana Piscitelli abre a seção Artigos com “Atravessando fronteiras: teorias pós-coloniais e leituras antropológicas sobre feminismos, gênero e mercados do sexo no Brasil”, texto em que reconstitui e analisa vinte anos de diálogos entre a produção feminista brasileira e as vertentes pós-coloniais. A autora explora a tradução e a circulação dessa importante linha de pesquisas tomando como referência textos da antropologia feminista e, particularmente, estudos sobre os mercados do sexo publicados em dois importantes periódicos acadêmicos feministas brasileiros: *cadernos pagu* e *Revista Estudos Feministas*.

Em seguida, Leandro Colling apresenta um retrato da política sexual em nosso país sob o governo Dilma. Seu artigo “A igualdade não faz o meu gênero” expõe algumas das polêmicas dentro do movimento LGBT, em especial no Conselho Nacional, do qual participou até recentemente. De forma provocativa, Colling diagnostica as transformações que têm marcado também outros movimentos sociais brasileiros desde a chegada do PT ao governo. De forma geral, segundo o autor, os movimentos sociais foram “incorporados” pela agenda governamental no período Lula, e no governo Dilma tiveram sua atuação controlada e reduzida nos conselhos, os quais criam um verniz de democracia para decisões tomadas de forma autoritária.

Derek Pardue, em “Uma perspectiva marginal”, reflete sobre a margem como um centro de produção material e simbólica. A premissa do texto é que a margem não representa simplesmente os restos de arte, literatura, interação social, urbanização, desenvolvimento ou outras formas de produção humana. Ao contrário, a margem facilita a constituição de objetos cotidianos e noções de senso comum da vida humana. Por meio de uma síntese de documentos de

acervos e casos etnográficos de Cabo Verde, Brasil e dos Estados Unidos, Par-due demonstra que a margem cria uma gama de sentidos e, além disso, esses sentidos essencialmente constituem o fenômeno. Os exemplos analisados incluem bairros improvisados, arquitetura empresarial, histórias de emprego e movimentos sociais.

Andrea Torrano, em “El monstruo en la política: defender la sociedad del hombre-lobo”, busca problematizar a sentença *homo homini lupus* (o homem é o lobo do homem) na teoria do Estado de Hobbes de forma a explorar, por um lado, como o lobo se torna homem (cidadão) com a criação do Leviatã e, por outro, como o homem se torna lobo, ou seja, a constante ameaça de lupificação do ser humano. O homem-lobo habita a comunidade dos homens como a antítese da ordem social e, ao mesmo tempo, como o elemento necessário para justificar tal ordem.

Gustavo Villela Lima da Costa encerra a seção Artigos com “A feira Bras-Bol, Corumbá-MS: notas sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia”, no qual parte de uma pesquisa etnográfica para compreender alguns aspectos da dinâmica do comércio de roupas na fronteira Brasil-Bolívia, na cidade de Corumbá (MS), explicitando alguns dos conflitos entre o comércio formal local, apoiado por políticas federais de segurança na fronteira, e os trabalhadores da Feira Bras-Bol, em sua grande maioria composta por bolivianos.

Por fim, Henrique Yagui Takahashi resenha *Judith Butler e a teoria Queer*, de Sara Salih, obra recentemente traduzida por Guacira Lopes Louro, pioneira dos estudos *queer* brasileiros. Trata-se de um livro importante por aproximarmos da vasta e sofisticada obra de Butler. Takahashi mostra como Salih auxilia seus leitores, com uma introdução ao mesmo tempo sofisticada e didática, a chegar aos meandros do pensamento de uma das mais importantes intelectuais da atualidade.

O Comitê Editorial agradece profundamente a Jacqueline Sinhoretto por seu trabalho desde a concepção da revista, que batizou e pela qual batalhou até o número passado. Sua dedicação, seu companheirismo e sua capacidade administrativa foram fundamentais para que nossa publicação tivesse êxito e alcançasse, já em sua primeira avaliação pela CAPES, o Qualis B1. Alcançando três anos de trabalho na revista, o Comitê inicia seu processo de renovação com as boas vindas a Fábio J. Bechara Sanchez, nosso novo colega no Departamento de Sociologia e agora também na *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar.

Boa leitura!

Comitê Editorial

Richard Miskolci, Jorge Leite Júnior e Fábio J. Bechara Sanchez